



# Gaiato



## OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedade—Casa do Gaiato do Pôrto—Paço de Sousa ■ DIRECTOR E EDITOR—PADRE AMÉRICO ■ Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun'Alvares—R. Santa Catarina, 628—Pôrto

**D**  
**O**  
**U**  
**T**  
**R**  
**I**  
**N**  
**A**

**N**ÃO é raro receber eu cartas nestes últimos tempos, a perguntar se com certa quantia de dinheiro que nelas se diz, poderia levantar-se uma obra social, para os garotos da rua. Muitos apresentam o programa e dão indicações seguras do que desejam fazer. São vontades decididas, ocorrências magoadas, almas arripladas do que veem em seu redor. Porém, «uma coisa lhes falta!»

O Moço do Evangelho fez ao Mestre a confissão da sua vida e estava animado de grandes coisas, mas faltava-lhe uma coisa: Despir-se! Ora eis.

A não ser que o faça posso perder a vida, nunca jamais ninguém se lançou à água vestido, para lutar com os elementos. Tem que se despir da roupa do uso e vestir outra adequada. Da mesma sorte se faz nas obras deste teor.

«Val, dá o que tens e regressa». Ora é justamente na hora «deste» regresso, que se começa a trabalhar e a produzir.

Escândalo para uns, loucura para outros, o Evangelho dá sempre muito que falar e os seus obreiros são pessoas multíssimo discutidas. Estranha forma de proceder, que para se começar qualquer obra social, se a quizermos fazer genuinamente cristã, haja necessidade de dar primelmente aos pobres tudo quanto se possui, e depois, assim despojado, sem nada de seu e a depender de todos, se comece a lançar os furdamentos. Estranha forma de proceder!

Escutem hoje o que o Pôrto ouviu no dia 10 de Dezembro passado no posto emissor

**Invlota:**

*Eu sou aquela voz que se levanta em Portugal a favor das imensas legiões de pequeninos, que vagueiam abandonados pelas ruas e caminhos, sem família, sem lar, sem amigos. Herdeiros forçados da miséria social. Fiadores da humanidade. Património da Nação. Sim. Sou a voz que se levanta. Trago o ramo de oliveira, que não a bandeira negra das revoluções de sangue.*

Não pretendo hoje dizer nada da Casa do Gaiato de Miranda, que fica a uns 30 quilómetros de Coimbra, onde 40 rapazes que foram ontem vadios das ruas, encontraram a forma do seu pé, e são agora felizes, no amanhã cotidiano da pequenina quinta que usufruem. Na verdade, o nosso sistema de educação, exclue absolutamente o emprego de pessoas estranhas. A nossa divisa é «Obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes», e isto verifica-se em todas as actividades domésticas. Para tauto, basta dizer que, se alguém entrar hoje na pequenina comunidade de Miranda, observará uma casa de trabalho com vida plena, onde 40 garotos que foram ontem dos caminhos, se bastam e se realizam, havendo unicamente um professor e uma senhora para os orientar. Mas eu não pretendo falar mais nem ir mais longe com a obra de Coimbra, para ter tempo de dizer algumas palavras acerca da Casa do Gaiato do Pôrto, sita na freguesia de Paço de Sousa, a uns 30 quilómetros da cidade.

*Eu tinha muita pena de ver nas ruas do Pôrto a imensidade de pequenos párias a dormir nos beirais das casas e até nas retretes publicas! Observava-os nas vezes que vinha de Coimbra a esta cidade, a retirar dos caixotes de lixo despojos de comida e a apanhar cascas de fruta do chão. Sabia, pela história que eles mesmo me contavam, da tragédia pavorosa em que as suas pequeninas vidas se iam desenrolando, para fazer mais tarde a pavorosa tragédia da vida social que ora se desenrola!*

A experiência destas coisas deu-me a paixão pela sorte de tanta crença sem ventura e levou-me a fundar, para seu refugio, a Casa do Gaiato do Pôrto.

Nascemos ontem, pois que foi no dia 27 de Abril do ano passado, que lançamos os alicerces das primeiras casas; e já somos hoje uma comunidade de setenta rapazes. Eles acodem de toda a parte, pelo seu próprio pé, buscar abrigo debaixo das nossas telhas. Veem mordidos dos cães, envelhecidos do tempo, cheios de fome e de vícios, cansados de sofrer; eles, que por serem nossos, tinham e têm direito a um lugar à mesa com talher completo.

As possibilidades espirituais destes filhos de ninguém, são uma riqueza imensuravel. São doces, obedientes, gratos, expositivos, trabalhadores, amigos. São extraordinariamente solidários. Se acontece bater algum vadtosito à nossa porta sem haver

lugar para ele, não há nenhum que desça à portaria, comunicar o recado; nenhum. Recusam-se.

Dizem afoitamente que não vão. Ao contrario, se temos lugar, vão todos de escantilhão pelas escadas abaixo, buscar pela mão o pequenino que chega, para o vestirem de novo, lavar, marcar sitio à mesa e leito no dormitório. São assim os farrapos da rua.

Gostam de dar esmolas aos pobres. Todos os sábados, dentro das nossas casas, é costume sair um pequenino rancho dos nossos, com esmolas que eles mesmo preparam na dispensa, e vão deixar na casa de pobres que eles já conhecem, e são conhecidos deles.

Trabalham na risonha quinta que nos ofereceram. Rapazes que veem das ruas afeitos ao palavrão, falam agora meigamente aos bois e com olhos limpidos, contemplam e apreciam as coisas da natureza.

A Aldeia dos rapazes é para 250 deles, quando estiver erguida. Já temos sete moradias quasi prontas mas temos muitas mais para construir. Eu peço ao Pôrto que se desloque ate Paço de Sousa, para nos conhecer de perto e saber como nós vivemos. Peço que nos ajudem a levantar mais casas. Eu quero que a obra seja de todos os portugueses, por isso mesmo gosto de me cansar e de sofrer as humilhações do pedir; vou pelas praias, pelos hotéis, pelas igrejas, pelos cinemas — e agora estou aqui.

**S**  
**O**  
**C**  
**I**  
**A**  
**L**

## UMA CARTA

Eu sou uma simples rapariga operária. Encontrei há seis meses, atirada para um canto da rua, uma mulher ainda muito nova, pois conta ainda trinta e um anos, a morrer de fome e na mais horrenda miséria que se pode imaginar. Tinha essa criatura um filhinho de seis anos e meio.

Como rapariga cristã, não me foi possível ficar de braços cruzados, diante de semelhante espectáculo; tratei de meter a mãe no hospital onde se encontra ainda com poucas esperanças de cura, e tomei o pequenito para minha casa, julgando que seria apenas por um mês, pois que eu pobre, a viver de um modesto ordenado e do qual sustento a minha mãe, não podia com encargo tão grande.

Julgava eu, ter mais ou menos facilidade de interterrar em alguma casa de caridade. Enganei-me redondamente, todos me fecham a porta, dizendo que não pode ser. Que fazer? A mãe em perigo de vida, e eu sem poder aguentar tão grande enca-go, terei de entregar a criança à rua? Não. Confio.

Gosto muito da premissa e da conclusão: Como sou rapariga cristã, não me foi possível ficar de braços cruzados. Muito bem. E' assim mesmo. Também não foi possível ao samaritano, naquele tempo, ficar de braços cruzados, e tomou conta do espoleado, obra de ladrões; fez precisamente como esta operária. Até aqui, tudo está na regra. Onde a rapariga se enganou, e pedondamente, como ela própria confessa, foi em supôr que todas as instituições e pessoas que se dizem, sejam efectivamente cristãs. Não são, não senhor.

Se não estou em erro, foi na cidade de Antioquia, que começaram a dar o nome de cristãos aos discipulos de Jesus. Tinham uma vida tão forte, que os Romanos, também fortes, os atiravam aos leões, a ver se lhes davam fim. Eram cristãos. Viviam a vida do seu Mestre. A força vinha-lhes de dentro. Não podiam ficar de braços cruzados, diante das necessidades dos seus irmãos. Nem formulas, nem frases;—Vida. O Evangelho é vida. Ora a queixa que vem na carta, a dizer que todos me fecham a porta, é sinal de morte.

As sociedades apostatarem.

Os cristãos são frascos vazios.

As chamadas Casas de Caridade vivem das suas rendas, por isso mesmo dizem que não pode ser;—e o mundo está em chamas!



# Noticias Diversas

## Carta aberta

**A**NINHAMOS ontem segunda galinha com ovos. E' uma galinha choca muito arisca. Quando hoje de manhã um dos nossos retirou a cobertura do ninheiro, ela deu um vôo e desapareceu!

Tem havido grande trapalhada cá em casa, com este negócio de criação:—A primeira ave que aninhámos com uma data de ovos, já quebrou cinco d'êles. *Olhe mais um, foi a triste notícia que me deu o cosinheiro. E já tinha pintainho*, exclama o Bartolo! Mas isto não é tudo. Andamos agora muito interessados em botar ovos de raça, para o que se deu a incumbencia ao Luiz das capoeiras, de vigiar a postura de duas galinhas que temos. Ora o rapaz entregou há dias uma data d'êstes ovos ao Amadeu e elle vai e junta os com outros que estavam para comer. E agora!

**A**PARECEU um dos nossos bacorinhos com uma perna derreada; quem teria sido? Anda-se em averiguações.

**A**GORA mesmo, occupado como estava com estas notas, oigo tropear nos corredores. Os sons aproximam-se até á porta do meu quarto. Que será! Era o Elvas numas andas de pau, a comunicar que o chá estava na mesa. O Elvas é um dos 4 refeiteiros. Como eu demorasse em apparecer, Elvas percorre de novo a distancia que vai do refeitório a mim a cavallo nas andas de pau, para declarar que o chá estava a arrefecer. Uma vez á mesa para tomar o meu chá, Elvas teve de largar as ditas andas para subir a cima de um banco e abrir de lá a porta do armário do açucar e foi justamente nesta altura que o Mondim, outro refeiteiro, se pôz a cavallo nas andas, de onde resultou que o Francisco de Lisboa e o Domingos do Porto, todos refeiteiros, também queriam andar, e o Elvas não queria que nenhum d'êles andasse. E eis de como, no meio d'êste delicioso sarlho, o meu chá foi *dancing tea*, a bem da Casa do Gaiato e da Nação.

Estas e muitas outras diabruras, são uma obrigação dos rapazes. Se lhes tirassemos a liberdade de as praticarem expontaneamente e á nossa vista, elles iriam por trás fazer outras que não convêm, e desta sorte aprenderiam a representar.

**O** Carlos de Tábua tinha muito medo da água e do sabão quando veio para a nossa companhia e como este, muitos outros. Mas o Carlos está muito melhor todos gostam d'êlé cá em casa, por ser o primeiro cosinheiro. A' maneira que o rapaz se apresenta mais limpo, mais estimado é da malta. Ontem ouvi a voz do Porto: *Venha cheirar o Carlos!*

—Oh rapaz deixa-me trabalhar.  
—Venha, que elle saiu agora mesmo do banho e pôz muito sabonete.

Levou mais de um ano a chegar a esta afinação, o Carlos! Depois de alguns mezes, ainda muitos dos nossos at-*tinham em se deitar vestidos*. De vez enquando tem de ir uma ronda pelas camaratas, sacudi-los da cama para fora!

Manda-se, em regra, aquêlé que antes fôra mais sujo.

**C**HEGOU hoje a nossa Casa um garçto qualificadissimo. Perfeito de maneiras, de indumentária, de linguagem, de costumes de tudo. Diz ser oriundo de Fafe e ter dormido nas docas de Viana desde as festas da Agonia. Era hora de recreio. Os nossos jogavam no campo. Ele associa-se immediatamente e daí a nada, esmurrava o nariz de um d'êles por causa da bola! Foi uma hora de triunfo. O catraio conquistou por si mesmo a admiração da malta. Eles deliraram, quando chega um valente; não gostam nada de *anjinhos*. Depois do banho do estilo e da fogueia á roupa que trazia, marcou-se-lhe lugar á mesa e trabalho para o dia seguinte. Foi-lhe indicada a turma dos tratadores de gado. Ora aqui é que foram ellas! Ontem, no campo de jogos, estava tudo muito certo; hoje nos campos de trabalho, — tudo errado. As discussões ouviam-se ao looge, em pleno campo, entre os companheiros do insubordinado. No refeitório, começa elle a ouvir as ameaças da nossa regra: *quem não trabalha não come!* Cada um dos da turma, elege-se em observador do proguenoso e repete-lhe a sentença: *olha que eu digo á senhora!* O nosso rapaz começa a ver que não pode fugir de malhas tão apertadas e vai-se adaptando.

Há dias, regressava elle dos campos e um grande gigo de erva á cabeça:  
Hoje cómo?  
—Comes, sim.

**O** Zé Eduardo já encontrou um sapato; andava com elle o irmão do Preta. Ainda lhe falta saber do outro.

**M**ANDOU-SE ao Porto o Luciano aviar recados, com dinheiro para despesas e autorisação de tomar, á hora da merenda, um copo de leite e dois bolos. Quando da prestação de contas, deu a verba de 2\$00 gastos no leite.

—E os bolos?  
—Não comprei.  
—Porquê?  
—Muito caros. Quinze tostões cada um.

**P**RIMEIRAMENTE chegou um telegrama a comunicar que tinham sido despachadas. No dia seguinte, veio a guia e logo aviso do chefe da estação de Cete a comunicar que acabavam mesmo de desembarcar. Era á noitinha. Sérgio, Pepe e Rio Tinto foram por elas. Estavamos todos á ceia quando uma granderesta hada atravessa a cozinha e entra no refeitório. Eram 3 ovelhas!

E' tal a pressão em que os nossos rapazes se encontram no refeitório, á hora de

comer, por lhes ser vedado falar alto, tal e tamanha, que de tudo fazem valvula de escape, —até de ovelhas!

**O** Carlos Alberto, o Lisboa, sentou se hoje á minha direita e ouve doce ao jantar, por causa d'êlé. O rapaz tem occupado o lugar de ajudante de cosinha. Ora os nossos dois cozinhheiros caíram com gripe e elle, o simpático lisboeta, tai desenvolvimento deu ao seu posto, que quasi não se dou fé da falta dos *mestres!* Sim senhor.

**T**EMOS neste momento dezoito garotos na cama. Correu noticia de que um dos nossos dois galos ia morrer, como morreu, para engrossar o caldo dos doentes. Pois o António de Amarante, quiz saber, do seu leite, qual dos dois ia ser sacrificado, e interessou-se muito para que fosse poupado um, cujos sinais elle deu. Eles interessam se por tudo.

**E**NTROU agora mesmo pelo refeitório dentro, saído da cozinha, o Carlos Alberto, ajudante de cosinheiro. Aquelle que *areia a panela do nosso caldo*. Veio num grande impeto até á beirinha da nossa mesa. Eram horas do jantar.

—Mas que será isto, disse eu com os meus botões, assustado. Que teria acontecido ao rapaz?  
—Nasceu agora mesmo um pintainho, disse o Gaiato, a estoirar de contente!

## Venda do jornal

Amadeu e Júlio venderam no sábado de tarde uma pancadaria de exemplares. Também despacharam alguns dos nossos livros e receberam o dinheiro de duas assinaturas, cujos nomes serão dados ao prelo na sua altura.

No dia seguinte, voltaram os mesmos e mais os seguintes, com o resultado que vamos ler.

O Luciano, deu de comer a outros garotos que andam por lá, como elle dantes andava, e vendeu livros e trouxe assinaturas, e 12\$50 de acréscimos e vendeu tudo quanto levava.

O Oscar, fez da mesma sorte e entregou uma caixa de fósforos com 3 coizas de oiro!

O João, vendeu 140 jornais e trouxe 15\$00 de aeréscimo.

O Rio Tinto, vendeu quasi outro tanto. A venda do Gari foi mais fraquinha.

O Júlio e o Amadeu, despacharam muito de tudo e recolheram algumas assinaturas.

Quando, aqui há tempos, nós demos pelo logro de certos garotos que se faziam passar por gaiatos e assim recebiam esmolos indevidamente, o Amadeu veiu-me contar que um vendedor de jornais lhe dissera assim: *Rapaz, dá sempre boas contas ao Padre Américo; olha que o dinheiro é uma porcaria*. Pois bem. Este homem, ao que parece, é necessitado porque o Amadeu, tódas as vezes que vende o jornal no Pôrto, nunca deixou de me pedir, desde aquelle dia, senhas de comida da Legião, para o seu amigo:

—Dê cá, para aquelle homem que me disse que o dinheiro é uma porcaria.

Ora eu também digo a mesma coisa, e faço entrega das senhas, gostosamente.

Na vila de Paredes, venderam os do costume na forma do costume.

## Fala o José Machado

Não tenho pai nem mãe estava com uma mulher e dormia na doca ao frio e ia ao rancho ao quartel.

Estava em Viana do Castelo e ia á sopa a S. Domingos. Andava a pedir ia á praça e roubava laranjas andava sempre á beira do quartel a pedir. Estava na Praça da República em casa da Zéfinha Carqueja. Andava no campo da Snr.<sup>a</sup> d'Agonia a jogar a bola e ia ao cais da sardinha e pedia sardinhas.

Eu na minha Terra falava lá muito mal e chamávamos nomes uns aos outros. Era de Fafe, Rua José Vieira Cardoso de Castro, Ponte da Ranha. Tenho uma irmã em Lisboa a servir. Estive em Guimarães, Braga, Famalicão e Vizela. Em Guimarães, vi o Castelo de Guimarães e em Braga o Bom Jesus do Monte. Andava a apanhar pontas e comprar cigarros para fumar eu e os meus companheiros. Um que andava comigo era o José Rôto. Estava em Viana e o Snr. Padre Américo trouxe-me para aqui de automóvel. Quem pediu para eu vir para eu vir para aqui foi o Snr. Padre Domingos Superior de Viana do Castelo. Agora sou o pastor da Casa do Gaiato.

José Maria Machado.

Sim; é o pastor das nossas ovelhas: Descobri em mundo novo. Desejaria infinitamente que em obras desta natureza, para curar males dos pequeninos moicanos, se adotasse este remédio: Pombas e ovelhas. Pombas! As nossas pombas! O farrapão de ontem a dar migalhas de pão ás pombas, ao pé da água dos nossos tanques; elle, que apanhava despojos de comida no lixo das ruas! Já me disseram que não quizesse ou pombas cá em casa, porque dão cabo das sementieras. Que me importa. Mesmo que ellas venham a comer o nosso pão, isso que tem? Dão aos meus filhos outro alimento mais precioso: Nem só do pão se vive.

## Passou a um Senhor que mora em Montemor-o-Novo

Passou o Janeiro, o Fevereiro está no fim, o Março vem aí, e ainda não temos aviso daquilo que V. Ex.<sup>a</sup> nos prometeu. Bem sei que o não tem de sua casa e que depende da generosidade de amigos e conhecidos, mas basta uma palavrinha e o porco do Alentejo vem por aí fora, de comboio, dentro das próprias tripas, que assim foi o nosso ajuste. Da Casa de Miranda, como ao tempo se disse, houve uma peste que nos levou tudo e agora, na de Paço-de-Sousa, tivemos o desgosto de enterrar tóda a carne da nossa salgadeira! Que esta carta aberta, justamente porque aberta, seja conhecida dos alentejanos e das alentejanas. Acabo agora mesmo de vêr as listas, e contam-se por algumas centenas os nomes dos assinantes. Pois muito bem.

Uma lata. Um caixote. Um cartucho. Um saco. Qualquer quantidade, por qualquer maneira. O correio e os comboios estão aí para servir. O "nosso caldo", para usar a expressão do Alberto de Lisboa ao Subsecretário da Assistência, que já é tão saboroso, seria um nadinho melhor adubado.

P. S.  
Agora mesmo chegou de Montemor uma carta com boas noticias. O Rio Tinto e o Mario, ambos do Pôrto, prepararam as coizas e foram a Cete buscar a caixa. Não se podia esperar melhor em quantidade e "sobretudo" em qualidade!

Bem haja, Senhor Doutor, pelos seus bons officios. Quando estiver com as Alentejanas dessa formosa vila, diga-lhes que nós todos, Gaiatos mais eu, escrevemos os nomes dos Quatro em nossos corações.

## Quem nos escuta?

Foi-se-nos a bola á viola de tanto chutar! Quem há aí que nos mande outra? Os Gaiatos, agradecidos, esperam.

## Do que se passou no Salão Trindade

A Família do Senhor Neves quiz dar de jantar e servirá mesa cinco dos nossos Gaiatos, uns de Paço-de-Sousa e outros da sucursal do Pôrto, que foram propositadamente áquele cinema, naquele dia, ver como a Gente do Pôrto entende bem os homens que falam portuguez. A Família do Senhor Neves, quiz, ainda, oferecer 500\$00, contribuição da Empresa, como foi dito na ocasião da entrega. Dois amigos da Ala dos Namorados contaram as notas, encastelaram as moedas e foram-me dizer que sim senhor. Que o Pôrto tinha estado com muita atenção: —doze contos. E' o Trindade que leva a camisola amarela!

## Pão dos Pobres

E' um livro do Padre Américo, que já vai no 3.<sup>o</sup> volume, alguns dos quais em 2.<sup>a</sup> edição. Não se confie de como nasceram as Casas do Gaiato, de como nós deixamos cair o Pobre e de como Ele se lamenta.

Adquire hoje o livro. Uende-se nas Livrarias do País.

An  
noms  
tenho  
não te  
o fare  
sorte  
dar re  
pequei  
Vamo  
tempo  
vide,  
são as

Ferna  
do Cast  
Leme Pa  
25\$; José  
Maria Is  
Maria do  
Director  
Maria R  
Pizarra,  
Xavier, 2  
Orey, 24  
João B  
Serpa P  
calves Vi  
da Roche  
Melo Eça  
dos Sant  
lhães, 2\$  
Maria da  
20\$; Dr.  
M. ria da  
Laurinda  
Borlido  
Coutinho  
25\$; Dr.  
marla da  
marlo D  
Fernande  
25\$; Mari  
Lopes Gu  
lio Rome  
Jácome,  
Guilherme  
Castelo,  
aquela cid  
sem, com  
Beatri  
Maria A  
Margardi  
Oliveira d  
de Figuei  
Forjaz d  
Beatriz A  
Douro, 10  
do Pôrto,  
lho de Si  
Fialho O  
Magalhães  
fessora M  
ias, 25\$; A  
de Valade  
de Oliv.  
Santos S  
Victor de  
Fernando  
50\$; Artu  
20\$; Mari  
beiro de  
mês de B  
de Leiria,  
Villar do  
da Silva d  
Paredes,  
lla de B  
Vieira de  
Vieira de  
do Pôrto  
do Pôrto,  
do Pôrto,  
Arcozelo,  
Pimenta d  
dino dos  
Arlote  
7 mezes  
8 mezes 1  
7 mezes, 1  
20\$; H-rr  
bel Maria  
quina Ba

## Cron

No di  
um jgo  
Era para  
do Parêd  
Jogam  
camisolas  
Caçadores  
Parece q  
que ganh  
Clube de  
Precisa  
porque a



# ASSINATURAS UMA VISITA SUSPIRADA

## PAGAS

Antes de começar a dar a lume os nomes dos que têm vindo a desobrigar, tenho de declarar que muitos assinantes não teem tido tempo nem disposição para o fazer. E como é certo que da mesma sorte me falta tempo e disposição de mandar recibos à cobrança, segue-se que o pequenino jornal vive muito descontente. Vamos a ver se no próximo mês, que é o tempo em que O GAIATO faz um ano de vida, éle recebe tantos presentes quantos são as assinaturas em atraso.

Fernando de Almeida Azevedo, Viana do Castelo, 50\$; Madalena da Câmara Leme Faria, 30\$; António Júlio de Alpuim, 25\$; José Luis de Ornelas Monteiro, 25\$; Maria Isabel Vilhena de Araújo, 25\$; Maria do Loreto Lobato Mayer, 25\$; Directora do Colégio de S. José, 25\$; Maria Rita de Queiroz V. de Andrade Picarra, 24\$; Madalena Furtado Dantas Xayler, 24\$; Guilherme de Albuquerque Orey, 24\$; Eng. Alberto Vilaça, 25\$; João Baptista Ferreira, 20\$; António de Serpa Pimentel, 30\$; João Carlos Gonçalves Valença & Irmão, 30\$; Mariana A. da Rocha Vasconcelos S. de Sampaio e Melo Eça, 50\$; Maria Margarida Esteves dos Santos, 25\$; Dr. Adriano de Magalhães, 2\$; Maria do Pórtio Belchior, 25\$; Maria da Encarnação Viegas M. Ramos, 20\$; Dr. Eílio de Vasconcelos Dias, 30\$; Maria da Luz Q. Ribeiro da Silva, 25\$; Laurinda Moura, 30\$; Cônego Domingos Borlido, 20\$; Capitão José de Abreu Coutinho, 25\$; Capitão Mário Cunha, 25\$; Dr. Augusto Viér de Araújo, 50\$; Maria da Conceição L. Viana, 30\$; Bernardo Dias Suc., Limitada, 20\$; Filipe Fernandes, 20\$; Luís de Passos Peixinho, 25\$; Maria Efigénia de Alpuim, 50\$; José Lopes Guimarães dos Santos, 20\$; Virgílio Roma Vita Barros, 24\$; Jerónimo Jácome, 24\$; P. Daniel Machado, 25\$; Guilherme Rosa, 24\$; todos de Viana do Castelo, fruta do minho recente visita aquela cidade. Oxalá outras me chamassem, com identico resultado.

Beatriz Prazeres de Lisboa, 24\$; Maria Augusta Teixeira de Fão, 20\$; Margarida Pinto S. de Albergaria de Oliveira do Conde, 50\$; Joaquim Lacerda de Figueiró dos Vinhos, 30\$; Dr. Mário Forjaz de Sampaio de Portalegre, 30\$; Beatriz Allegro de Magalhães da Foz do Douro, 100\$; Capitão Júlio Alberto Vieira do Pôrto, 20\$; Enília de Noronha Botelho de Sinfães, 25\$; Professora Madalena Fialho Odiveiras, 25\$; Professora Maria Magalhães Collaço de Odiveiras, 25\$; Professora Maria Herculanina Sales de Odiveiras, 25\$; Maria Alice de Sá do Sanatório de Valadares, 5\$; Ana de Serpa Brandão de Oliv. de Azemeis, 20\$; E.g. Miguel Santos Silva de Lisboa, 10\$; António Victor de Almeida de Lisboa, 50\$; Dr. Fernando Costa e Almeida de Anadia, 50\$; Artur Pinto Brandão de Paredes, 20\$; Maria José de Melo e Castro Ribeiro de Alvalázere, 25\$; Félix Moura, 1 mês de Braga, 5\$; Dr. António Matoso de Leiria, 40\$; P. Manuel Romero de Vilar do Paraíso, 20\$; Domingos Moreira da Silva do Pôrto, 100\$; António Moreira, Paredes, 30\$; Bibliotheca Sagrada Família de Barcelos, 10\$; Maria Augusta Vieira de Barcelos, 20\$; Manuel Augusto Vieira de Barcelos, 20\$; Eduardo Olivais do Pôrto, 50\$; Maria Zulmira G. Ferreira do Pôrto, 20\$; Joaquim de Aguiar Pinto do Pôrto, 50\$; Maria Enília de Brito de Arcozelo, 50\$; Luisa Amélia de Fontes Pimenta de Ponte do Lima, 40\$; Bernardino dos Santos de Lisboa, 20\$00.

Arlete Umberto de Sousa de Braga, 7 mezes 12\$; Maria Celeste Abelha 6 mezes 10\$; D. Otilinda de Castro Lopes 7 mezes, 11\$; Etelvina Gonçalves 4 mezes, 20\$; Arminia Baccalar, 5 mezes 15\$; Isabel Maria de Oliveira, 3 mezes 5\$; Joaquina Barroso, 1 ano 20\$; Laurentina

## Cronica desportiva

No dia 28 de Janeiro disputamos um jogo com os Encarnados de Cete. Era para jogarmos com os Estudantes de Paredes mas eles não apareceram. Jogamos com uns calções e umas camisolas brancas que o Clube de Caçadores de Sinfães nos mandaram. Parece que foi por estriarmos a equipe que ganhamos por 4-2, vitória para o Clube de «Os Gaiatos».

Precisamos muito dumas chuteiras porque andamos a gastar os sapatos.

O Crónista.

Santos, 3 mezes 5\$; Lucilla de Jesus Dias, 1 ano 20\$; Maria Beatriz Costeira, 3 mezes 75\$; Maria Esmeralda Neves, 1 ano 20\$; Fernando Marques, 3 mezes 5\$; Elsa Peixoto, 6 mezes 10\$; todos de Braga, João Eugénio Anachoreta de Santarém 50\$; António Goucha Soares do Pôrto de Mós, 20\$; Manuel da Silva Correia de S. João da Madeira, 20\$; Domingos Ferreira Pinto da Areosa, 20\$; Dr. Rui Climaco de Coimbra, 20\$; Mário Mancede da Cruz da Mealhada, 20\$; Ambrósio Pereira de Lamego, 30\$; José da Silva Correia de S. João da Madeira, 20\$; Maria Adelaide Resende de Tendais, 20\$; Professora Ofélia Sena Martins de Odiveiras, 25\$; Menino Carlos Alberto Prego de E'vora, 30\$; António Rêlo de Aldeias-do-Montolito, 25\$; Beatriz Tavares de Moura de E'vora, 25\$; Fernanda Ferreira dos Santos de Oliveira de Azemeis, 20\$; Delfim Pereira dos Santos do Pôrto, 50\$; Maria José Tolque de Gouveia de Ferreira do Zezere, 20\$; Palmira Félix de Faria Soeiro de Ferreira do Zezere, 20\$; Manuel Saboim de Melo Adriaõ de Al doar 50\$; Maria José N. Correia e Silva de Sertã, 30\$; Francisco José Mendes Furtado de Portimão, 50\$.

## DO QUE NÓS NECESSITAMOS

Mais 500\$00 no Depósito, por alma de João Alexandre. Mais 500\$00 de um visitante. Sucede que certos visitantes amigos da Obra, costumam instalar-se em nossas casas por um ou dois dias, e deixam fioar, a trôco das magras sopas que lhes damos, o suficiente para um mês de turismo. Nem só de pão vive o homem. Este renascimento social como é feito nas casas do gaiato, tem panoramas, deslumbra.

Mais um saco de 100 quilos de sal, do Pôrto. Mais 20\$00 e mais 50\$00 em carta fechada, do Pôrto.

Mais 465\$ depositados no Banco e mais 250\$00 idem. Mais de uma família de visitantes, cinco notas das maiores que se fabricam no país.

Mais 200\$00 em carta registada e da mesma sorte, mais 20\$00 e mais 20\$00. Mais a costumada caixa de sardinhas, de gente amiga, da praia de Matozinhos. Foram por ela à estação de Cete, num carro de mão, o Rio Tinto mal-lo Fernando de Freixo de Numão. Como o ex-fugitivo sopegato regressou a casa, tomou já o antigo posto de fazer merendas na cozinha do forno, e é éle quem as prepara na certã, sobre a trempe que o Luciano fêz, ao lume duma enorme fogueira, mexidos e remexidos com dois gadanhos de ferro, comidas com borra que o Sérgio faz e regadas com vinho que todos fizeram.

Oh merendas deliciosas, convívio fraternal, às quais poderiam assistir Francisco de Assis; pois que à hora marcada e por cansa das migalhas que os rapazes fazem, comparecem os porcos e as galinhas e os pombos e os gatos e os perus a merendar!

Vai aqui da nossa aldeia um apêrto de mão a escaudar, para o dono da traineira. Boa sorte, meu senhor!

Mais os 50\$00 da Vacuum.

Se me não tomam a mal, eu venho solicitar nma bicicleta para rapazes dos 10 aos 12 de idade. Pode ser dessas já arrumadas em casa, que serviram aos teus filhos e agora estão sem uso. Seria um presente de categoria. Entregar no Depósito ou na nova Casa do Pôrto ou despachar para

No derradeiro dia do mês de Janeiro, esteve na nossa «Aldeia» o Sub-Secretário de Estado da Assistência Social. E' esta a segunda vez que um Membro do Governo nos vem visitar. A primeira foi em Março do ano findo, pelo Sub-Secretario cessante, o qual mudou de lugar, que não de posto. Não estávamos a contar; foi surpresa, grata surpresa.

O Senhor Doutor Trigo de Negreiros, viu as coisas tal qual.

Mesmo que se tivesse feito anunciar, seria na mesma.

E' costume da nossa gente armar as casas que hão-de ser visitadas, para o dia da visita. Casas e o mais. E' uma qualidade, fruto da nossa penúria. De uma vez, andava eu em viagem a bordo do paquete Lourenço Marques — que trocara há pouco tempo por este, o seu nome de baptismo: *Admiral*.

Tinha igualmente feito uma viagem no mesmo barco, antes de ser presa de guerra, e notava a ausência das formosas e valiosas tapeçarias, com que sempre se vestia. Naturalmente

foram anexadas, disse eu para comigo mesmo. Pois não tinham sido. Estava tudo a bordo. A' vista de Cascais, os creados fôram ao local onde se guardavam passadeiras e cortinados, e de tal forma trabalharam, que à chegada a Lisboa ia o paquete armado. Houve indignação da parte dos estrangeiros, que muitos eram eles naquela viagem: *O quê? Mas estas coisas não são para conforto e regalo dos passageiros? E' somente à chegada ao destino é que nós os vemos?* Da parte dos nossos, não houve reparos. Tudo achou muito bonito e gostaram que suas famílias vissem como se viaja por mar, entre Cascais e Lisboa! Somos assim.

Nada mais lindo na nossa terra, do que os asilos e hospitais em dia de visita; só naquele dia. Ora o certo é que a verdade não se enfeita; mostra-se tal qual é. Ela é a magnifica expressão do *sim, sim; não, não*, do Evangelho.

Gosto de visitas inesperadas, para que melhor nos fiquem a conhecer.

O Sub-Secretário fazia-se acompanhar por três senhores. Viu. Em baixo, e já na hora da despedida, chamei ao pé de nós um gaiato e perguntei qual a sua obrigação.

—Ajudante de cozinha e arear o painelão do nosso caldo.

Os visitantes entreolharam-se num sorriso eloquente. Aquele *nosso caldo* dito pelo garoto, escaldou-os. Não sei o juizo que eles ficaram a fazer de tudo quanto viram e ouviram; não disseram, nem eu lhes perguntei. Não é da minha conta. O que eu pretendo é que este simpático rapaz continue a arear o painelão com muito esmero e o Carlos a fazer o *nosso caldo* com muito amor.

## Do que nós necessitamos na Sucursal do Pôrto

Em primeiro lugar, de uma visita da pessoa que devotadamente nos deseja auxiliar e uma vez que essa dita pessoa se inteire das nossas necessidades, vai com certeza procurar uma máquina de costura porquanto, de todas elas, *esta é a mais urgente*.

Temos pouco mais do que nada, em nossa casa. A governante, sem saber a quantos andava por falta de relógio, mandou o Rui para a porta da rua, perguntar as horas ao primeiro que passasse.

—Quantas horas são?

—Vocês não teem relógio!

—Não senhor.

—Anda daí

O rapaz seguiu o senhor e regressou com um relógio de parede.

—Diz ao P.<sup>e</sup> Américo que é do Zé.

E esta?! Mais um Zé a complicar a nossa vida!

## Ultimas Noticias

Um Senhor da Invicta, Manuel de Oliveira Guerra, que no arranha Céus tem uma casa de vendas «Venezã» veio-me dizer que escritura um por cento sobre todas as vendas a retalho, a favor da «Obra da Rua.» Eu disse que *sim. Quem, dera lá bicha todos os dias!*



# CRÓNICA

DA NOSSA

## ALDEIA PELO JOSÉ EDUARDO



# Carta de Lisboa

## A Casa do Ardina

«O ardina compreende que não deve ser vadio e já é ele quem ensina os outros... ardinas!...»

E já agora deixa-me contar-te o que se passou há dias com o nosso Manel.

Apesar dos seus 10 anos, já contava no seu passado nem sei quantas fugas e indisciplinas!... Sardento, de nariz arrebitado, olhar triste começou a andar atrás de nós para entrar... para a «Casa do Ardina». A família veio pedir-nos. Lutam com as maiores dificuldades, o pequeno com as suas atitudes irregulares punha-os em embaraços domésticos e... económicos. Passam-se dias e dias (o pai, por doença, está impossibilitado de trabalhar) em que o ganho do Manel é o único sustento da família, e o nosso ardina indisciplinado e viciado da rua esquecia os seus deveres... Havia pouco que estava na venda dos jornais, mas a rua e o cinema já o conheciam como vadio e até vagabundo, há anos. Interessava-nos muito o Manel, tomámos conta dêste há duas semanas. De carácter difícil de domar, não havia meio de o prendermos, de o interessarmos. Volta e meia vinha dizer-nos — «Quero ir-me embora da «Casa do Ardina»!...

Achavamos graça, pois se ele quizesse a valer, já tinha ido, sem dizer, e lá lhe explicávamos o que ele tinha aganhar com a «Casa do Ardina». Chamámos-lhe «selvagem» um dia, e ele ri. Começava a perceber que o era, a partida estava começada, pensámos, e com razão, sem esperar que fôsse ganha no dia seguinte pelos ardinas da «Casa»!

Logo de manhã: alvorôço na «Casa do Ardina». Um ardina visinho do Manel traz a notícia de que êste gastara 10\$00 ao pai que lhe dera para os jornais e ficara aquela noite fora de casa.

O pai mandava pedir para o primeiro que o visse o mandar chamar. o primeiro? Parece que foram todos... os primeiros!!! O Manel chega à «Casa do Ardina» para o pequeno almoço, como de costume, e é recebido por uns e outros, dêde o mais velho, ao mais pequenino, com uma tremenda sara-banda:

—«Parece impossível! Queres voltar ao que eras? Gastaste o dinheiro no cinema, não? Mas é ponto! E roubo aos teus pais que tanto precisam! Vadio, não passas de um vadio e a «Casa do Ardina não é para vadios, sabes?»

O Manel chorava, chorava, arrepe-lava-se, batia com a cabeça no chão de desespero. Chamou-se o pai e pediu-se-lhe que não lhe batesse, pois êle já levava «pancada moral» dos outros ardinas suficientes para castigo. O Manel acalmou e prometeu solenemente nunca mais ser vadio, nem ficar com o dinheiro do pai. E pareceu nos tê-lo feito muito a sério! E uma nota engraçada: dêde êsse dia, elogia a «Casa do Ardina» e fala de muitos outros ardinas que querem vir para cá e... precisam, como êle!

Lição ardina, um tanto violenta, mas cheia de resultados prometedores, como êles todos, afinal!

Para já, vamos abrir a segunda casa com a ajuda de Deus!

Nada temos e precisamos tudo, tudo! Queríamos abri-la ao público... ardina no próximo dia 25 de Março—dia do

2.º aniversário da Calçada da Glória. Quem nos ajuda?!...

Precisamos móveis, fogão, loiças. Precisamos banco e ferramenta de carpinteiro, bem como ferramenta e moldes de sapateiro. Madeira e material para as oficinas. Precisamos livros, cadernos, lápis, etc, etc. um nunca acabar... E lá porque os fazemos dormir em casa dêles, que é o ponto culminante da Obra de Serviço Social que nos propomos, não deixamos de precisar de camas, cobertores, e lençóis.

MARIA LUÍSA

## Mais casas do GAIATO

Preguntaram-me quanto poderia custar a instalação de uma casa para 20 Gaiatos e a quanto subiria o custo do seu sustento. A pergunta veio da sede de um distrito do centro do país, cujas autoridades gostariam de remediar o mal das creanças que por lá andam a deus-dará. Eu respondi não ser a pessoa indicada para fornecer as informações desejadas, porquanto, na verdade, não sei nem jamais procurei saber por quanto me fica cada um dos meus rapazes.

Se naquela terra, como eu dizia na resposta, houver elguem que sinta e que "enlouqueça" pela sorte da creança das ruas, faz-se ali uma casa, não para 20, mas sim para 200 Gaiatos. O verbo "realizar" não tem condicional. Os "doidos" não fazem nem prestam contas.

## NOTÍCIAS DA

# Casa de Miranda

Pelo João Francisco

○ Senhor Joaquim é o ceguinho que toca muito bem piano é quem nos ensina a cantar. E' êle que vigia as obrigações. Apesar de cego vê se as ruas e as casas estão bem varridas com a ponta da varita. Faz tudo isto apesar de cego. Há pouco tempo o ceguinho perdeu a sevela com que escreve, pois pensou logo em arranjar outra. A' noite quando foi para o quarto arranjou um bocado de pau e começou a alizá-lo. Pois olhou quando êle acabou, mostrou-a ao Senhor João Tereso e êle disse que se fôsse uma pessoa que visse não a faria melhor. No outro dia o ceguinho notou que o órgão precisava de ser afinado e êle vai escangalhar o órgão todo e depois tornou-o a arranjar, ficando com um som muito bonito.

Há dias foi a Pinhel afinar um piano. Foi mais o Freitas até coimbra e o resto da viagem foi sozinho. Também veio sozinho de Pinhel até Coimbra e depois veio mais o Arlindo que o foi esperar a Coimbra. Veio muito constipado e trouxe um saco de amendoas de casca que a dona do piano lhe tinha dado. Nesse mesmo dia começou atirar amendoas ao ar e nós corremos logo apanhá-las. Ele é muito nosso amigo e a gente dêle.

○ Licínio está na cama duma escaldadela que apanhou quando estava a tomar banho em água quente. Agora está melhor.

○ Barrigana tornou a fugir por causa do banho. O senhor Joaquim tinha dito que o banho era em água fria porque o dia estava bom, mas êle quando soube pôs-se à escuta e quando tocou a sineta êle disse que ia ver a camionete da carreira mas era para fugir. Só de manhã é que êle apareceu ao portão a pedir a roupa que êle trouxe. Só quando se habituou ao banho naturalmente é que não fuge.

TODOS os domingos à noite vamos ouvir o relato dos jogos de futebol com ordem do Senhor Joaquim. Uns são Benficas, outros Sports e outros Académicos. Há tempos o Chico era do Belenenses e o Bernardino trouxe-o para o Benfica por um bocado de pão.]

○ Adriano de Tomar foi no domingo vender o Gaiato a Coimbra. A certa altura lembrou-se de dizer: morra a Académica e vai um est udante deu-lhe um sóco.

○ Fernando quando os espanhóis perderam êle ia endoicendo de alegria.

A Coimbra foram seis meninos vender o Gaiato. O Pedro da Figueira a quem nós chamamos rádio é quem vende sempre mais. Quando êle vai comer a alguma casa gostam muito dêle porque está sempre a falar.

○ Adriano caiu dum eléctrico mas não se magoou.

○ Bucha e o Zé Maria foram convidados para irem comer a casa duns senhores a Montes Claros mas não deram com o número da porta.

QUANDO nós estávamos a vender o Gaiato à porta de Santa Cruz um policia prendeu um garoto mas o povo quando saiu da missa começou a protestar e o policia todo envergonhado teve de largar o rapaz.

○ Tónio, o Rui e o Manuel são os mais pequeninos cá da casa. De madrugada quando os outros ainda estão na cama o Tónio a primeira coisa que faz é dizer: ó mãe quero café! Quando está muito frio só se levantam aí para o meio-dia e é o Zé Brio que lhes leva o café e os veste. A' noite também os vai deitar depois de lhes ter lavado os pés e a cara. O Tónio quando está com preguiça põe-se a dizer ó mãe eu quero ir para a cama doente.

## As nossas oficinas

Três dos nossos pequeninos artifices, vão rolar a primeira pedra do edifício Como a pedra de alvenaria está contada e feita, espera-se que dentro de poucos mezes receba a cúpula.

No dia da inauguração da «Aldeia» gostaríamos de ver no meio de nós os Desconhecidos que oferecem este edifício, a capela e a enfermaria. Os três, sem saberem uns dos outros e ninguém saber d'êles, hão-de sentir o prazer inefável das recomendações do Mestre e saborear o terem escondido da mão esquerda aquilo que a direita fez. E como anda agora mult em moda falar dos Três Grandes, eu cá digo que talvez apareçam Três Malores, n: s festas da nossa ALDEIA.

Para minha vergonha, sou o primeiro a dizer que sou um cabeça no ar, mas de hoje para o futuro vou vêr se me emendo.

Quem me pôs o nome foi o Prêta meu companheiro de rouparia. Foi uma vez por eu deixar ficar o livro de eu ajudar á Missa no lugar onde me sento a comer no refeitório.

///

Foram outra vez ao mato a Calvos onde nós temos uma parte de terreno e onde costumamos ir cortá-lo. Vieram duas grandes carradas dêle.

///

Já me apareceu um sapato que andava no pé do irmão do Prêta. Logo que o vi fiquei tado contente, porque não vou ao Pôrto vender «O Gaiato» sem ter sapatos. E para meu castigo ando descalço por perder os sapatos.

///

A nossa capela já vai indo subindo bastante, iá tem o sítio onde há-de ser colocado o sino.

///

Lisboa foi o que substituiu o Periquito enquanto êle esteve doente com uma íngua na perna esquerda que teve de ser lancetada.

///

Foram três rapazes para a cama com gripe.

O Constantino, o cozinheiro.  
O Mondim, o refeitoreiro.  
O Pereira, limpador de ruas.  
Este último é doente da cabeça, dá-lbe de vez em quando ataques.

///

Continua a ser as nossas merendas bacalhau frito com horôa, coisas que nós gostamos muito.

///

Precisamos de livros para a nossa biblioteca porque a estante está vazia. Não queremos romances, mas sim contos e outras leituras. Andamos a completar a Colecção da Condessa de Segur. Já temos dessa colecção os seguintes livros: Traquinas, Férias, Últimos Contos de Grimm, A Pousada do Anjo da Guarda, etc.

///

Luciano e o António carpinteiro andam muito afadigados por causa das suas casas que fizeram porque a chuva tem tirado a pintura tôda.

///

A Prêta pôs-se a cantar muito na rouparia e eu que estava muito ocupado a dar roupa ao rôl e começou a chamar-me nomes e eu não quis saber de mais nada e caiu por cima dêle e zás pancadaria e êle a chorar, mas era, a fazer que chorava, só quando eu vi que êle parou de me chamar nomes é que eu parei de lhe bater.

«O GAIATO» FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA